

Processo de filiação do
Rancho Folclórico da
Casa do Povo de Nisa na

FEDERAÇÃO DO FOLCLORE
PORTUGUÊS

O POÇO DA DEVESA

Situa-se ao fundo da rua com o mes. o nome. Tem um grande depósito e está actualmente coberto com uma placa de cimento.

Existe um outro poço na devesa detrás, que a câmara mandou abrir há muitos anos, para abastecimento de gados nos dias de feira.

O DA RUA DO FUNDO

É um depósito que deve ser contemporâneo das muralhas de D. Dinis. Havia também um outro no pequeno largo no principio da Rua do Poço e outro junto dos Faços do Concelho, mas foram destruidos.

O DO EL-REI

Foi mandado abrir por D. Manuel quando as muralhas foram reparadas. Existiam mais dois no Rossio no local onde está hoje o edificio do correio e um outro chamado Poço Catarino por ter sido mandado abrir por D. Catarina Angélica de Barrosão sitio onde estava uma fonte já existente em 1714, mas ambos já foram entulhados por serem desnecessários.

CASAMENTOS

Se o traje evoluiu, o mesmo não se pode dizer do casamento, cuja tradição só nestes ultimos anos a crise do pós-guer. a um tanto affectou.

Estes originaes costumes religiosos bem merecem ser observados pelos forasteiros que nos meses de Agosto e Setembro (época em que se realizam os matrisónios) vêm a Nisa em dia de festa nupcial.

Antigamente quando os mancebos chegavam aos dezoito ou vinte e cinco annos, a mãe escolhia-lhe a noiva entre as donzolas da terra. Depois de o marido sancionar a escolha, era o filho como que obrigado a aceitar a preferida dos dois.

Seguia-se o pedido de casamento e celebrava-se da seguinte maneira: a mãe do rapaz ia em dia prefixo a casa dos pais da jovem, e era recobida na lareira, dizia qual o fim que ali a levava. Deferida a pretensão era marcado o dia do casamento.

Quando chega esse dia as duas familias reúnem-se à noite na casa da noiva, onde se festejava o acontecimento com a soia e se trocavam as primeiras prendas entre os namorados.

Hoje já não é assim, são eles próprios que arranjam o namoro, e se a rapariga accita, o moço começa a rondar-lhe a porta ao serão, mas só tem entrada em casa dos futuros sogros quando ficam noivos.

Também há adstritos no namoro, ou seja usos muitos difrentes dos habituais

em outras terras: pelos Passos ou pela Semana Santa os rapazes oferecem às namoradas um papelucho com amêndoas; no primeiro de Maio um bolo de roqueijão; e na Quinta Feira da Ascensão a maia do coração, que era qualquer objecto de ouro ou artigos de vestuário.

Após o pedido de casamento, os noivos trocam as mais valiosas prendas, e estendem as dídivas aos pais e irmãos do futuro ou futura consorte.

Antes do casamento a família do noivo faz visitas a casa da noiva para combinar a época do enlaxoos alqueires de trigo que hão-de amassar, o feijão e o vinho a comprar para nos dias de festa nada faltar.

Os casamentos costumam celebra-se em segunda ou quarta-feira de Agosto o Setembro, também costumam haver três ou quatro no mesmo dia.

Uns dias antes da boda, os pais dos noivos vão percorrer as ruas do burgo a avisar as pessoas da família e outros amigos para as festas.

Costumam dizer que só nos vamos referir aos casamentos das classes populares como lavradores, artificios e camponeses.

Quando o casamento é entre filhos de lavradores chega a 500 o numero de convidados. Alguns dias antes do matrimónio, a noiva e as amigas e pessoas de familia amassam o pão para a festa. Para contenas de convidados escolhe-se um recinto espaçoso que serve de cozinha o refeitório e a que se chama Quintal da Festa.

Junto a uma das paredes alinham-se os fogareiros formados por grandes pedras, cinco ou seis cozinheiros vão para o quintal na madrugada da véspera e começam logo a preparar o almoço para o pessoal de serviço, que são batatas guizadas e feijão frado, sendo o jantar constituido por feijão amarelo ou branco e grão de bico com arroz.

Durante esse dia vão chegando badanas, carneiros, cabras e chibatos oferecidos por certos convidados e mais alguns que os pais compram.

Depois do jantar, segue-se a matança do gado e escolha da carne, passando grandes pedaços de carne pelas mãos dos rapazes e raparigas, e entre galanteios e risadas a carne é dividida em pequenas postas amontoadas sobre um ou mais panais estendidos no chão, entre a rapaziada rodam os pais dos noivos ou seus representantes para que o roubo da carne não exceda os limites da tolerância. Depois da carne arranjada há a coia que acaba com danças e cantares, e assim acaba esse dia de grande alegria.

O recheio do lar é todo ele obra da noiva ou encargo dos seus pais. Na véspera do casamento às primeiras horas do serão a multidão invade todos os compartimentos da casa, num doles aglomeram-se muitos homens e mulheres carregados com sacos de um alqueiro de trigo e também com dois ou mais alqueires.

A entrada da casa contígua que serve de celeiro está uma mesa, e sentado junto dola está o escrivão, em cima desta está um tinteiro e algumas folhas de papel, perto está um homem que numa das mãos tem a infusa de lata com

VINHO e na outra segura pelas asas dois latões. E assim vão chegando os serviços: são as prendas que neste moio é costume oferecer.

Na rua dança-se, e o mulhero com a sua curiosidade invade todas as dependências do edificio para que nada fique por ver, vão à cozinha e contam as peças de amarelos no friso da chaminó como caldeiras, candeeiros, castiçais, almofarizes, etc; o estanho em estante de madeira pratos de arrumar, trinchos, jarro, bacia, e pichóis; a cantaria com três lindos potos pedrados, grandes pratos de porcelana, outras peças de louça e o trem de cozinha.

Mas o que mais atrai a curiosidade das pessoas é o quarto dos noivos, à cabeceira da cama senta-se a noiva, e em frente uma das suas melhores amigas ou parentes. No leito nupcial de ferro com cerca de um metro de altura, sobreponem-se todas as peças de bragal recobertas pela cama grave, colcha e ante-cama.

A cama-grave é de alinhavados ou caramelos, a colcha e ante-cama são de damasco. A noiva e a donzela têm de pôr à descoberto as ante-camas, colchas, e lençóis e cobertores para que as visitas contem e apreciem tudo minuciosamente.

O escrivão que registou os serviços ou seja, as ofertas, põe no caderno e vai para o quintal logo de manhã, (no dia do casamento) a fim de fiscalizar as mesas onde são servidas as refeições, evitando assim que alguma intruso tenha a ousadia de sentar-se.

Só quem tenha dado o serviço, tem o direito de sentar-se à mesa e de receber em casa o presente, que é um grande prato de sopa de pão coberto com postas de carne refogada com uma pequena porção de arroz de vinagre ao lado.

No quintal da festa, as mesas são formadas por escadas de mão colocadas horizontalmente sobre bancos de madeira, em cima dos degraus ficam tábuas de pinho revestidas por toalhas. Dos lados sentam-se os convidados em outras tábuas apoiadas em pedras ou em toros de madeira.

É original e tipicamente regionalista esta dupla fila de comensais que tendo trazido de casa os talheres esperam insofridos que lhes ponham ao alcance os grandes pratos onde vão saciar os estômagos.

As raparigas que na noite anterior, dançaram e coaram com os namorados, estão ali ao seu lado florindo a mesa pela garridice dos seus trajes, enchendo de alegria todo o quintal.

Eles, os rudes camponeses, sem jaqueta e de colete aberto, a alvinitência gritante da camisa a destacar-se do amarelo do surrobeco, o chapéu de abas largas a protegê-los do causticante sol de Agosto, estão radiantes e orgulhosos de estadearem perante os outros a alegria dos seus amores.

Noutro sitio do recinto, um grupo de mulheres está a migar as sopas, os serventes vão junto delas com os pratos de sopa para os encherem de fatias de pão, sobre as quais os cozinheiros deitam o sarapatel (comida regional onde entram o sangue e as vísceras do gado morto na véspera, e que foram temperadas com colorau, pimenta e outros excitantes). Esses pratos são postos sobre

a mesa, logo se arremesam sobre eles seis ou oito colheres das duas filas fronteiras, colheres que se chocam obstinadamente e disputam no mesmo prato o que se lhes afigura mais apetitoso, sem se importarem com a higiene. Os homens do vinho, com a infusa e os dois latões, vão percorrendo a mesa distribuindo a "pinga"

Devorado o sarapatel, os serventes trazem mais caldo onde alguns molham pedaços de pão, enquanto outros vão comendo azeitonas ou queijo.

Depois de comorem, cedem o lugar a outros, e as mesas sucedem-se como a primeira, repetindo-se nas festas grandes cinco ou seis vezes.

Terminado o almoço, segue-se a cerimónia. Depois da aglomeração dos convidados, no almoço se ter desfeito, vão-se distribuir os presentes; primeiro são aviados os dos padrinhos que recebem o prato de afogado, o do feijão e um do sarapatel, vão também alguns pratos para a casa da festa, depois metem três pratos em cada tabuleiro e várias mulheres começam a aos diferentes convidados o afogado com o arroz de vinagre.

Esta tarefa é demorada e enfadonha, e demanda muita cautela e atenção, porque se alguém deixasse de receber o presente, logo haveria quem qualificasse a boda com o epíteto de "festa de fome"

As raparigas reúnem-se em casa da noiva antes da hora marcada, outras vão para a festa ajudar a comer à mesa grave (mesa do copo de água), e dirigem-se à igreja afim de assistirem à cerimónia.

Na casa do noivo reúnem-se os seus convidados. Os noivos entre a emoção e as lágrimas da família, preparam-se para deixar o lar paterno.

Quando o noivo sabe que a noiva está preparada, vai acompanhado dos pais através dos quartos, ajoelha-se a seus pés, e estes exteriorizando em alto pranto a comoção, lançam sobre o filho, com solenidade e sentidamente a benção requerida. Ladeado pelos dois padrinhos e acompanhado da sua comitiva o mancebo dirige-se a casa da noiva, mas não chega a entrar, porque ao aproximar-se da porta, já a futura esposa vem a descer as escadas, toda lacrimosa depois da cena da despedida e da benção.

Organiza-se então o cortejo nupcial em direcção à igreja, à frente a noiva no meio das duas madrinhas, levando estas com os maridos, irmãos ou outros parentes. Segue-se o noivo com os padrinhos e numeroso acompanhamento.

Quando o cortejo chega à igreja, já esta se encontra quase cheia pelas raparigas da terra convidadas ou curiosas, à porta estão os garotos à espera de confoites e amêndoas que é uso lançar no fim da cerimónia sobre os recém-casados.

Vem o pároco da sacristia para junto do cruzeiro, sobre este é colocada uma bandeja com o anel e onde se deposita a osmola da missa.

Realizam-se todas as cerimónias, e a benção é recobida nos degraus do altar-mor. Assinado o termo reorganiza-se o cortejo, os consortes vão à frente lado a lado risonhos e satisfeitos. Sobre o cortejo desde a igreja até à casa da festa

70
festa, caem sobre os noivos e todo o acompanhamento, pétalas de flores, man-
gericos, confeitos, amêndoas e até grãos de trigo que são lançados por mãos
afectuosas desejando felicidades.

A noiva ao entrar na casa da festa é recebida entre braços e lágrimas, e o
noivo fica à ombreira da porta, tira o chapéu e inclinando a cabeça convi-
as pessoas a entrar.

Segue-se o copo de água, e depois deste o noivo no meio dos padrinhos, colo-
cam-se de novo à frente dos acompanhantes e vão percorrer as principais ruas
da vila. Entre o tocar do hármonio o noivo costuma oferecer cigarros e charu-
tes para todos fumarem, entram em todas as tabernas, sendo a primeira rodada
paga pelos padrinhos.

Depois desta peregrinação regressem à casa da festa, dança-se até ao jantar,
e só depois se continua a dança, até que se impõe a tradicional obrigação
de não importunar os casadinhos, deixando-os sós para a gloriosa ventura da
noite de nupcias.

Depois de recolhidos os recém-casados, segue-se o descanto: imensos rapazes
e raparigas com as suas violas e cantigas, sentavam-se pela rua em frente
do casal e começavam a desgarrada.

No dia seguinte os esposos levantavam-se logo cedo para receberem as visi-
tas dos pais, parentes e amigos, aos quais têm que dar o tradicional cálice
de licor.

De tarde há um grande jantar em casa dos pais do noivo, onde se juntam as
duas famílias, à noite depois do jantar, realiza-se o baile do segundo dia,
que se prolonga até de madrugada.

LENDAS E CRENÇAS

Estas lendas dizem respeito ao tratamento de vários achaques.

A ERISIPELA

Há sempre uma mulher a actuar como curandeira. Para a cura da erisipela, a
curandeira vai dizendo a reza e ao mesmo tempo vai fazendo golpes num
pedaço de cortiça. Esta reza faz-se durante a *névona*, três vezes cada dia
à luz da candeia.